

ASPECTOS METODOLÓGICOS NA ANÁLISE DE MANUAIS ESCOLARES: UMA PERSPECTIVA RELACIONAL

METHODOLOGICAL ASPECTS IN THE ANALYSIS OF SCHOOL TEXT BOOKS: A RELATIONAL PERSPECTIVE
ASPECTOS METODOLÓGICOS EN EL ANÁLISIS DE MANUALES ESCOLARES: UNA PERSPECTIVA RELACIONAL

Marcelo Cigales^{1*}, Amurabi Oliveira²

¹Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil. ²Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: marcelo.cigales@unb.br

Resumo: O artigo apresenta uma metodologia de análise de manuais escolares sob uma perspectiva relacional, a partir da sociologia de Pierre Bourdieu. Primeiramente, discutimos as diferentes nomenclaturas sobre o manual escolar, abordando o desenvolvimento do campo de pesquisa denominado manualística, para então destacarmos três elementos metodológicos: a) os manuais escolares respondem a exigências externas, pois são produtos pedagógicos projetados por diferentes agentes do campo educacional que possuem distintas representações do mundo social; b) possuem uma lógica interna, pois fazem parte da cultura escolar para onde são direcionados, recepcionados e ressignificados; e, c) exigem para sua análise uma pluralidade de métodos, sendo a análise de conteúdo e documental insuficientes para a compreensão sociológica desse objeto.

Palavras-chave: manuais escolares; metodologia; sociologia; manualística.

Abstract: The article presents a methodology for analyzing text books from a relational perspective, based on the sociology of Pierre Bourdieu. Firstly, we discuss the different nomenclatures about the school text books, addressing the development of the field of research called manualística, and then we high light three methodological elements: a) school text books respond to external demands, since they are pedagogical products designed by different agents of the educational field that have different representations of the social world; b) have an internal logic, since they are part of the school culture to which they are directed, received and resignified; and c) require for their analysis a plurality of methods, content and documentary analysis being insufficient for the sociological understanding of this object.

Keywords: school manuals; methodology; sociology; textbook research.

Resumen: El artículo presenta una metodología de análisis de manuales escolares desde una perspectiva relacional, a partir de La sociología de Pierre Bourdieu. En primer lugar, discutimos las diferentes nomenclaturas sobre el manual escolar, abordando El desarrollo del campo de investigación denominado manualística, para luego destacar tres elementos metodológicos: a) los manuales escolares responden a exigencias externas, pues son productos pedagógicos proyectados por diferentes agentes del campo educativo que tienen distintas representaciones del mundo social; b) pose en una lógica interna, pues forman parte de la cultura escolar hacia donde son dirigidos, recepcionados y resignificados; y, c) exigen para su análisis una pluralidad de métodos, siendo El análisis de contenido y documental insuficientes para La comprensión sociológica de ese objeto.

Palabras clave: manuales escolares; metodologia; sociologia; manualística.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma metodologia de análise dos manuais escolares sob uma perspectiva sociológica. Reconhecem-se aqui os desafios que se colocam para tal empreitada, considerando, sobretudo, a heterogeneidade existente nesse campo. Poderíamos afirmar que nem mesmo a nomenclatura ‘manual escolar’ chega a ser consensual, na medida em que os múltiplos agentes que compõem o campo educacional também transparecem suas disputadas por meio dos processos de nomeação e classificação do mundo social, portanto, manuais escolares, livros escolares, livros didáticos etc., tendem a representar objetos ‘semelhantes’, mas que indicam visões de mundo distintas.

Como partimos de uma perspectiva sociológica neste trabalho, mais especificamente a partir do substrato teórico de Bourdieu, retomamos o princípio epistemológico do sociólogo francês que busca superar a dualidade entre agência e estrutura/micro e macro na interpretação do mundo social. Assim sendo, buscamos operar neste trabalho, a partir de uma tentativa de compreender o manual escolar não como um reflexo automático das estruturas sociais, tampouco como uma realidade autônoma que reflete unicamente a dimensão autoral de quem o produz. Mais adiante poderemos explorar de forma mais precisa como buscamos solucionar esse dilema teórico e metodológico.

Apesar da crescente valorização do manual escolar como fonte de pesquisa histórica, educacional e sociológica, ainda são raros os trabalhos que visam abordar questões metodológicas sobre esse objeto. A ausência de uma metodologia para o estudo dessas fontes dificulta o desenvolvimento de estudos comparativos e balanços mais precisos entre regiões e Estados nacionais. Portanto, tendo em vista os avanços das últimas décadas em relação à catalogação, criação de acervos, bancos e bases de dados nacionais e internacionais, o presente estudo justifica-se pela necessidade de fomentar e ampliar o debate sobre as metodologias de análise dos manuais escolares.

Dado este contexto, o trabalho organiza-se em duas partes: a primeira discute o conceito de manual escolar, seus consensos e dissensos, e de forma particular, como essas fontes vêm sendo trabalhadas no Brasil, mais especificamente pelas ciências sociais e educação; o segundo centra-se numa discussão metodológica para análise dos manuais escolares por meio de uma perspectiva sociológica.

O MANUAL ESCOLAR COMO OBJETO E FONTE DE PESQUISA

Para alguns autores (Magalhães, 2011; Munakata, 2016; Galván, Martínez; López, 2016), ainda não há um consenso sobre o conceito de ‘manual escolar’. Isso, possivelmente ocorre pela diversidade de contextos nacionais em que essa fonte se faz presente, acrescenta-se ainda as múltiplas dimensões: linguística, política, educacional, cultural etc., que dificulta ainda mais a construção de um termo preciso que dê conta de nomear esse artefato cultural que é, ao mesmo tempo, produto e produtor de cultura.

Para Ossenbach (2010), as características de um manual escolar estariam ao redor de determinadas aspectos, tais como a intencionalidade do autor ou editor de ser expressamente voltado para o ensino escolar; sistematicidade e sequencialidade na exposição dos conteúdos; adequação para o trabalho pedagógico; estilo textual expositivo; combinação de imagem com texto; presença de recursos didáticos explícitos, como tabelas, quadros, exercícios etc.; regulamentação dos conteúdos segundo os planos de ensino oficial e fiscalização do Estado

sobre a produção e circulação desses artefatos culturais etc. Ainda conforme a autora (2010, p. 120-121, tradução nossa), a combinação particular entre as imagens e o texto “[...] somada a uma estrutura sequencial e cíclica dos saberes transmitidos, constitui na marca de identidade dos manuais escolares, o que faz deles um produto editorial específico e diferenciado [...]”¹, o que permitiria distingui-los dos demais empreendimentos editoriais impressos.

Ocorre que a maioria das definições de manual escolar está ligada intrinsecamente ao ambiente escolar, que não corresponde ao ensino superior ou demais níveis educativos (Escola Normal, Pós-graduação, Educação de adultos etc.), já que estes podem utilizar outros materiais como suporte de ensino. Nesse sentido, alguns pesquisadores preferem utilizar o conceito de manual escolar quando se referem ao ensino de uma disciplina no âmbito escolar, e livro de texto (libro de texto), para aqueles livros destinados ao ensino superior. De fato, há uma diferença entre um material planejado para o ensino primário/secundário daquele destinado ao ensino superior, ainda que essas barreiras sejam mais perenes quanto mais próximas forem dos níveis de ensino, visto que em muitos contextos nacionais, tal como no Brasil, as universidades surgem tardiamente, sendo a educação secundária por longo período considerada um nível educativo elitizado e enciclopédico.

Além disso, para analisar um manual escolar é preciso estar atento às dinâmicas históricas das disciplinas escolares. No Brasil, por exemplo, o ensino de sociologia na escola secundária antecede a disciplina no ensino superior, porém a produção de manuais escolares e livros de texto - se quisermos diferenciar conceitualmente esse objeto, muitas vezes se confundem, já que os primeiros manuais de sociologia destinados ao ensino da disciplina eram estrangeiros e, em seus países de origem não se constituíam como um manual propriamente dito (Oliveira, 2013). Também podemos destacar que no caso brasileiro, os manuais escolares surgiram posteriormente a institucionalização das disciplinas, sendo, portanto, muitos livros, sem nenhum tratamento didático, utilizados para o ensino das disciplinas.

Em relação à conceitualização, parece que o problema não é a ausência de um conceito sobre o que é um manual escolar, mas a variedade de nomenclaturas – livros escolares, manuais escolares, livros didáticos, manuais didáticos, compêndios escolares, livros de texto, textbooks, libro de texto etc. (Choppin, 2004, 2009; Magalhães, 2006; Escolano, 2009a; 2012; Munakata, 2012a, 2012b; Viñao, 2012; Teive, 2015), que se vinculam às particularidades dos contextos nacionais, aos níveis educativos, aos sistemas de ensino, as disciplinas escolares etc. Portanto, parece-nos ser fundamental a contextualização desses elementos para delimitar um conceito que dê conta de circunscrever a potencialidade e a complexidade do manual como objeto capaz de evidenciar as práticas sociais e culturais de determinada sociedade.

Apesar dessas questões, pode-se dizer que essa amplitude de conceitos possui características semelhantes, pois descreve o manual como: a) um conjunto de conteúdos respectivos de um campo de conhecimento; b) organizado por determinados agentes, portadores de determinadas visões e representações sobre o mundo social; c) materializado em papel, por meio de tecnologias de impressão; d) destinado ao ensino de uma disciplina/matéria.

¹ “[...] sumados a una estructura secuenciada y cíclica de los saberes transmitidos, constituy en la señal de identidad de los manuales escolares, lo que hace de ellos un producto editorial específico y diferenciado [...]”.

Para este estudo, talvez uma das melhores definições do que se entende por manual escolar é oferecida por Ossenbach e Somoza (2009, p. 20, tradução nossa)²: “Os livros escolares são os livros que são utilizados na escola, mas com motivações e fins que transcendem a instituição escolar, e isto também deveria refletir sua definição”. Em outras palavras, o manual escolar é objeto da escola, mas, ao mesmo tempo, transcende aos interesses pedagógicos e didáticos internos a ela, pois também está imbricado na configuração de um campo social caracterizado pela existência de grupos sociais com interesses divergentes e culturais para o qual a escolarização se constitui como um trunfo social, político e simbólico (Forquin, 1992).

Historicamente, podemos indicar que o pioneiro nesse campo de estudos foi o historiador alemão Georg Eckert³, quem, no final da Segunda Guerra Mundial, investigou o ensino do patriotismo e da identidade nacional por meio dos manuais escolares (Rocha & Somoza, 2012). Mais tarde, na década de 1980, Alain Choppin na França deu início ao projeto *Emmanuelle*, destinado ao recenseamento dos manuais escolares franceses de 1789 até os dias atuais. Conforme Choppin⁴, esse projeto teve por objetivo mapear os manuais escolares de todas as disciplinas e níveis de ensino. Para Teive (2015), o projeto de Choppin inspirou a criação de outros centros de documentação e catalogação, bem como o desenvolvimento de pesquisas cujo foco é o resguardo da memória documental dos manuais escolares. Assim, foram criados diversos centros de pesquisa dedicados ao estudo de manuais escolares, tais como: *Les Manuels scolaires québécoises*, em 1993, no Canadá; o Projeto Manes (*Manuales escolares*), em 1992 na Espanha; o Projeto Edisco, que reúne pesquisadores de seis universidades italianas; o projeto LIVRES, que é um banco de dados da Universidade de São Paulo (USP) sobre livros escolares brasileiros; o Programa História Social do Ensino de Leitura na Argentina (HISTELEA); o Centro internacional de la Cultura Escolar (CEINCE), em 2006, na Espanha.

Dentre esses projetos, o Centro de Investigación Manuais Escolares (MANES), do Departamento de História da Educação e Educação Comparada da Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED), em Madrid merece destaque visto o desenvolvimento de projetos internacionais de catalogação e ampliação de bases de dados digitais interinstitucionais; a catalogação e acervo dos manuais escolares e o crescente diálogo e produção internacional de pesquisas científicas sobre essa questão. Conforme a professora Gabriela Ossenbach, diretora do MANES, a temática de investigação sobre os manuais escolares tem ganhado visibilidade na América Latina, principalmente depois do seminário organizado pelo referido centro em 1996. Nesse evento, visou-se discutir os manuais escolares como fonte para a história da educação na América Latina, por meio de análises comparadas. O seminário propiciou a organização de um livro, publicado em 2009, de mesmo nome, cujos organizadores foram Gabriela Ossenbach e José Somoza. Até o ano 2000, 13 universidades latino-americanas vinculavam-se ao MANES (Ossenbach, 2000).

No Brasil há poucos trabalhos de pesquisa originários da área de sociologia e ciências sociais sobre manuais escolares. Dentre eles é possível citar a dissertação e tese de Meucci (2000, 2006), realizadas na Universidade Estadual de Campinas. Esses estudos abordam os

² “Los libros escolares son los libros que se usan en la escuela, pero con motivaciones fines que trascienden largamente e la institución escola, y esto último debería también que dar reflejado em su definición”.

³A iniciativa de Eckert continua hoje sob os auspícios do *Georg-Eckert-Institut für Internationale Schulbuchforschung* (Instituto Georg Eckert para a pesquisa Internacional sobre livros escolares).

⁴Informações extraídas da página *web* sobre o projeto *Emmanuelle* (2016).

manuais escolares como fonte de pesquisa para a história da sociologia no Brasil. O trabalho de dissertação de Sarandy (2004), defendido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, por sua vez, analisa os manuais de sociologia, a partir da década de 1980, quando essa disciplina retorna gradativamente à grade curricular da educação básica de alguns Estados brasileiros. Maçaira (2017) analisou a recontextualização pedagógica dos conhecimentos sociológicos nos livros de sociologia no contexto brasileiro e francês, por meio da análise das ilustrações presentes em 13 manuais. Recentemente, temos a tese de Cigales (2019), defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, que buscou compreender uma determinada concepção de sociologia desenvolvida no início do século XX no Brasil, o que se dá por meio da análise dos manuais escolares, evidenciando-se a concepção de sociologia proposta pelos intelectuais católicos entre os anos 1920-1940.

Majoritariamente, os demais trabalhos que tratam os manuais escolares como fontes de pesquisa vêm dos departamentos de História e de Educação. Nesse sentido, apontamos as investigações de Bittencourt (1993), com a tese de doutorado em História Social sobre o livro didático e conhecimento histórico, defendida junto a Universidade de São Paulo. Ressalta-se também a tese de Campos (2002), defendida junto ao PPG, em Educação da PUC-SP, que pesquisou a sociologia da educação nos cursos de formação de professores nas décadas de 1930 e 1950 por meio dos manuais didáticos. Nessa mesma universidade, ainda, se destacam as teses de Munakata (1997), que aborda a produção dos livros didáticos enquanto mercadoria, e de Cassiano (2007), que trata a questão da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) até a entrada internacional do mercado espanhol em meados dos anos 2007 no processo de produção e divulgação desses livros no Brasil⁵.

Embora esses trabalhos utilizam os manuais escolares como fonte de pesquisa, é rara uma discussão metodológica específica sobre esse material, que, apesar da sua aparência ilusória (Choppin, 2009), carrega uma complexidade particular. Nesse sentido, existe uma carência metodológica em relação às análises históricas, educacionais e sociológicas dos manuais escolares. Mais especificamente, há uma lacuna relacionada à sociologia, o que se acentua por diversas razões, das quais assinalamos duas: a fragilidade com que a questão da metodologia é tratada no interior dos cursos de formação (Soares, 2005; Cano, 2012; Neiva, 2015) e a fragmentada produção teórica sobre métodos na sociologia. Assim, os manuais escolares acabam sendo tratados, sobretudo, por meio de métodos de análise de conteúdo e análise documental, não se privilegiando uma discussão epistemológica e metodológica.

UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ANÁLISE DOS MANUAIS ESCOLARES

Em relação à discussão metodológica ao redor da manualística, o MANES vem ganhando destaque com pesquisas recentes sobre análise e recepção dos manuais na cultura escolar (Teive & Ossenbach, 2016; Mahamud & Badanelli, 2013). No conjunto desses trabalhos, Mahamud (2014) evidencia uma proposta metodológica que analisa os livros escolares a partir de duas perspectivas: *analyzing text books toward the inside and analyzing text books to ward the outside*.

⁵Sobre o estado da arte do livro de sociologia no Brasil, sugere-se a leitura da pesquisa de Engerroff (2017) que faz um levantamento nos bancos de dados nacionais, e categorização de como esses estudos abordam o manual escolar. Sobre o estado da arte do livro escolar no Brasil, de maneira mais ampla, ver o levantamento realizado por Kazumi Munakata (2007) e pelo MANES (2014) (BiblioMANES, 2018).

Mas, e em relação à sociologia? Em que sentido esse campo de conhecimento pode contribuir para a análise dos manuais escolares? Há diversas possibilidades, tendo em vista que a sociologia compreende uma gama de teorias aplicáveis na análise dos manuais escolares. A modo de exemplo, poderíamos pensar os manuais escolares como pertencentes: a) a racionalização da sociedade ocidental, e portanto, imbricados no processo de burocratização do Estado e, conseqüentemente, da formação dos sistemas de ensino, na perspectiva weberiana; b) como um instrumento ideológico a serviço da burguesia, na ótica marxista; c) como instrumento nevrálgico na sociologia educacional de Émile Durkheim, em que a educação e todo seu conjunto simbólico é transmitido de uma geração a outra; d) como um dispositivo de poder e controle, a partir da biopolítica de Michel Foucault; e) como constituinte de um processo civilizacional, sob o pensamento de Norbert Elias e; f) como um ‘arbitrário cultural’ (Bourdieu & Passeron, 2008), ao universalizar uma determinada cultura (a cultura da classe dominante), e por isso melhor a ser seguida e preservada, sendo tão mais eficiente quanto maior o grau de naturalização que impõe às demais culturas.

Sem a pretensão de analisar detalhadamente cada uma dessas teorias, mas ampliar o debate das diversas possibilidades metodológicas por quais os mesmos podem ser analisados, este estudo propõe abordar os manuais por meio de uma sociologia relacional. É dizer, busca-se perceber os pontos de tensão entre os níveis micro e macro. Evidenciando, por um lado, como o interior do manual reflete as disputas mais amplas nos campos sociais e, por outro, como essas disputas influenciaram na estruturação interna desses manuais, impondo sistemas de classificações e divisões do mundo social.

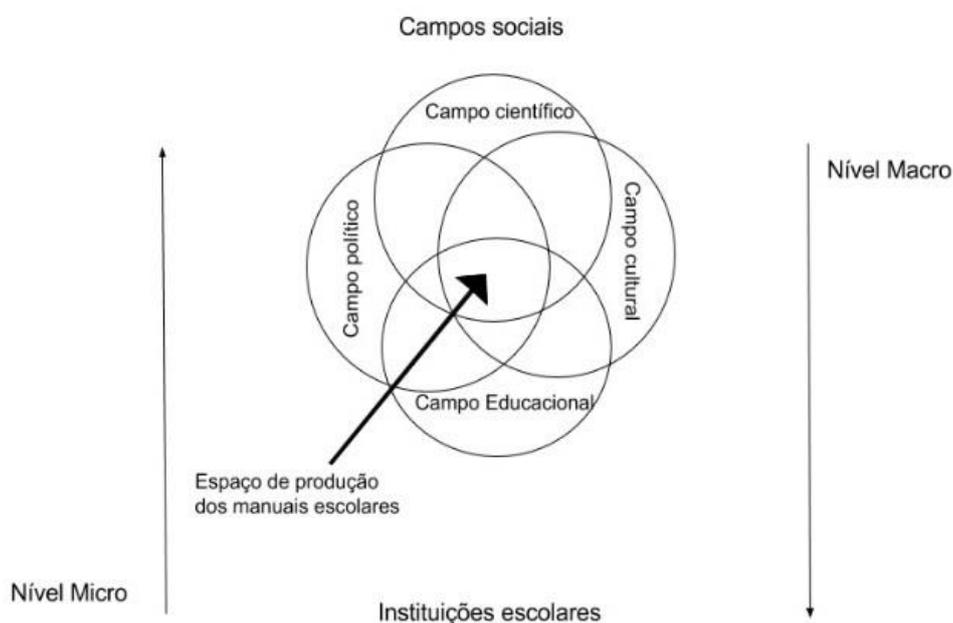


Figura 01: Macro e micro na análise dos manuais escolares.

Fonte: O autor.

Baseado no conceito de campo social⁶ de Bourdieu (2011), a Figura 01 apresenta uma relação entre as estruturas mais amplas, os campos sociais, onde os manuais são produzidos

⁶ O campo é um espaço simbólico relativamente autônomo, estruturado e regrado formado pelo ‘nomos’ e pela ‘doxa’. Enquanto o ‘nomos’ pode ser entendido como o conjunto de leis gerais e invariantes de funcionamento

a partir das disputas de poder inerentes na constituição desses espaços simbólicos, e o nível micro, as instituições escolares, para onde os manuais são destinados, recepcionados e ressignificados pela cultura escolar.

Pensamos que no Brasil, a constituição do campo educacional envolve o campo político, científico e cultural sendo a produção dos manuais escolares diretamente ligada a essas lógicas de disputas, pois é a partir do campo político que se negocia a estrutura curricular, as disciplinas e programas, livros e manuais escolares, produzidos em conformidade com as regras do campo científico, por qual a universidade tem peso considerável já que o Estado exige a planificação de determinados conteúdos e sentidos produzidos a partir do campo cultural, da qual se reconhece a cultura legítima, isto é, a melhor a ser mantida e preservada. Assim, a produção dos manuais escolares no campo educacional passa pelas demandas e exigências dos demais campos sociais, sendo que também poderíamos falar do peso que há no Brasil, em relação ao campo religioso, tendo em vista que por séculos a Igreja Católica deteve o monopólio do ensino escolar, principalmente para a formação de uma determinada elite intelectual, agindo inclusive sobre a censura de determinados produtos culturais, inclusive da produção dos manuais escolares.

É importante ter em mente que os diversos campos sociais estão sempre em disputa, disputas estas internas nos sentidos que os agentes que integram tais campos disputam a 'doxa', mas também, pode-se dizer que os campos também se tensionam na medida em que sua autonomia é sempre relativa. O processo de autonomização do campo implica assim em disputas em torno de visões de mundo, da produção de uma visão legítima sobre o mundo social. Isso significa também que o próprio manual escolar representa e materializa essas tensões, e essas disputas que se colocam na interface entre os diversos campos.

do campo, a 'doxa' é o senso comum, é aquilo sobre o que todos os agentes estão de acordo, e abrange tudo aquilo que é admitido como 'sendo assim', como, por exemplo, os sistemas de classificação (Bourdieu, 1996.). Portanto, o campo possui suas próprias regras, é capaz de refratar imposições de outros espaços simbólicos, e seus agentes se caracterizam pela posse desigual de capitais. O campo também é produtor de capital e de um *habitus* que quando não convertidos, não são reconhecidos e legitimados por outros espaços sociais. A análise de um campo, segundo Bourdieu, envolve três momentos necessários e interconectados. O primeiro, deve-se analisar a posição do campo em relação ao campo de poder. O segundo, deve-se estabelecer a estrutura objetiva das relações entre as posições ocupadas pelos agentes ou instituições concorrentes no campo, e terceiro, devem-se analisar o *habitus* dos agentes e os diferentes sistemas de disposições adquiridos por eles. "O campo das posições é metodologicamente inseparável do campo das tomadas de posição, entendido como o sistema estruturado das práticas e das expressões dos agentes" (Bourdieu & Wacquant, 1992, p. 80-81).

Para pensar a relação entre o macro e o micro, e como isso reflete na produção dos manuais escolares, destacam-se três condições: os manuais escolares (a) respondem a exigências externas (macro), pois são produtos e produtores de discursos e representações do mundo social, disputadas por agentes dispostos nos campos sociais, com destaque neste estudo para o campo educacional; (b) possuem uma lógica interna (micro), ou seja, fazem parte da cultura escolar e neste sentido, possuem uma lógica de produção inerente aos sistemas de ensino, sua intenção primária é pedagógica, mas também comportam poderes simbólicos ligados a intenções dos agentes sociais que os produzem; e (c) exigem para sua análise uma pluralidade de métodos. Não sem menor relevância, é interessante também destacar que os manuais também constituem um mercado de bens simbólicos e materiais, de modo que também deve-se inseri-los nesta lógica para melhor compreensão acerca de como se estrutura seu campo.

Em relação às duas primeiras questões, este trabalho se aproxima dos estudos de Mahamud (2014), desde uma perspectiva interna e externa aos manuais escolares. Detalha-se a seguir:

a) a lógica externa corresponde ao nível macro e significa reconhecer que, apesar de serem produzidos para a escola, os manuais transcendem as exigências desta instituição. Eles são antes de tudo, reflexo de disputas políticas, ideológicas, científicas, religiosas e de concepções sociais (sobre a modernidade, a moral, a família, o Estado etc.) que se quer incutir nas gerações em fase de escolarização, podemos recorrer aqui aos historiadores da educação, como Magalhães (2011) em que os manuais podem ser considerados como um mecanismo da educabilidade, que refletem intenções futuras, ou um ‘espelho da sociedade’, conforme Escolano (2009a, p. 44). Por isso, precisam ser analisados em um contexto mais amplo de produção e de reprodução do conhecimento. Nesse sentido, não basta olhar apenas para o cenário de circulação e recepção dos manuais, ou seja, para as instituições escolares. Uma análise sociológica de tais textos requer uma ‘mirada’ para as instituições sociais, os ‘agentes’, como diria Bourdieu (1996, 2004), que fazem parte do processo de disputa pelo discurso legítimo sobre o mundo social. Assim, tanto o Estado e a sua burocracia, responsáveis pela legislação e fiscalização da política educacional, quanto às universidades (lócus de desenvolvimento do conhecimento científico), a igreja, os movimentos sociais e a mídia relacionam-se direta ou indiretamente com a produção desse conjunto de conhecimentos imputados nos manuais escolares.

Neste sentido, podemos destacar o aspecto profundamente contextual da análise, uma vez que elementos como a presença de uma política de Estado voltada para os manuais escolares será um importante elemento estruturador do campo. No caso brasileiro, a existência do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que implica num processo de avaliação, aquisição e distribuição de livros didáticos, que estrutura de forma significativa o campo. Pode-se mesmo dizer que seus editais condicionam um determinado modelo de produção de livros didáticos, o que se relaciona diretamente com a dimensão mercadológica na qual tais objetos estão inseridos;

b) a lógica interna corresponde ao conteúdo propriamente dito, mas que também passa pela inter-relação entre autoria, organização, classificação e distribuição dos conteúdos até a escolha da capa e da contracapa; a seleção dos autores que introduzem a obra e redigem as orelhas (quando houver); a escolha da cor das fontes, do tamanho das páginas, da quantidade de folhas, do número da tiragem, do tamanho de página (isso influencia no custo de impressão); a opção tipográfica (certas fontes possuem melhor legibilidade em determinados papéis e há padrões que indicam os próprios conceitos estabelecidos na construção do projeto gráfico do manual), a determinação da mancha gráfica (área efetivamente impressa da página) e dos caracteres por linha (isso é estabelecido a partir de uma relação entre o quanto importa a compreensão do texto por parte do leitor e a importância dada ao orçamento da impressão, por exemplo). Em suma, além desses aspectos, existe uma série de relações sociais que também passa pela exigência dos editores, das livrarias, dos grupos sociais com interesses escolares. Além desses aspectos, está a análise dos aspectos que caracterizam um manual escolar: iconografia, lista de atividades, divisão e fragmentação (pedagogização) dos conteúdos, proposição e atividades práticas etc. Chartier (1993, p. 35) afirma que “[...] compreender as razões e os efeitos dessas materialidades (por exemplo, em relação ao livro impresso o formato: as disposições da paginação, o modo de dividir o texto, as convenções que regem a sua apresentação tipográfica, etc.) [...]” remete ao “[...] controle que editores ou autores exercem sobre as formas encarregadas de exprimir uma intenção, de governar a recepção, de reprimir a interpretação”. A lógica interna dos manuais não corresponde apenas ao formato final que chega às mãos dos professores e alunos, mas também a essa rede de relações, a essa configuração social que se faz presente na elaboração de um manual.

Pode-se mesmo indicar aqui que é neste aspecto que há uma possibilidade de adentrar mais profundamente na dimensão do *habitus* do (s) autor (es) do manual escolar. Se compreendemos o *habitus* como um conjunto de disposições incorporadas duráveis (Bourdieu, 2009), isso significa que a incorporação das estruturas sociais a partir das experiências únicas dos agentes é a chave para compreendermos suas práticas, ou em outros termos, a prática se engendra a partir da relação entre as disposições incorporadas e as estruturas sociais postas. A produção de manuais escolares, neste sentido, é compreendida como uma prática de tais agentes. Todavia, como já ressaltamos, há outros agentes envolvidos nesta produção, de tal modo que o manual escolar é a objetivação/materialização de um conjunto de relações sociais estabelecidas entre diversos agentes que orientam suas práticas a partir das disposições sociais incorporadas. Com isso queremos dizer que também é necessário compreender os agentes em suas trajetórias, percebendo seus deslocamentos entre os campos (Bourdieu, 1996), e os condicionantes estruturais de suas práticas. Isso não quer dizer, sem embargo, que o manual seja apenas uma estrutura estruturada, pois também possui uma dimensão estruturante na medida

que a própria existência de um determinado manual pauta modelos de organização e pedagogização do conteúdo escolar e possui a capacidade de impactar a produção de outros manuais;

c) pluralidade de métodos visto que os manuais escolares reivindicam uma criatividade metodológica, uma vez que não existe uma fórmula metodológica única para a sua análise. O pesquisador interessado nesse objeto e fonte de pesquisa deve ter claro que os manuais escolares são produtos de um determinado tempo histórico e representam determinadas preocupações e conteúdos que possivelmente só fazem sentido quando localizados no tempo e no espaço geográfico ao qual se vinculam. Além disso, eles correspondem a determinados conhecimentos, incorporados na constituição do Estado moderno por meio das disciplinas escolares. Realizar somente análise de conteúdo e documental, no nosso ver é insuficiente para a compreensão sociológica desse objeto. Assim, é preciso conciliá-las a outras técnicas e métodos de pesquisa, como a biografia e a prosopografia dos autores; a análise dos grupos editoriais; a análise dos capitais social e simbólico do autor (representados nos prefácios, elogios, agradecimentos que o manual pode conter); a análise dos documentos escolares (localizados em arquivos públicos e privados). Tais documentos possibilitam ver os manuais mais utilizados ou rejeitados e também os aspectos de sua recepção, como vem sendo trabalhado por Mahamud & Badanelli (2013); Teive e Ossenbach (2016). Enfim, esses textos requerem múltiplas abordagens e, nesse sentido, as técnicas de análise podem ser úteis quando se integram, dialogam e se complementam. Portanto, uma análise sociológica dos manuais escolares não está interessada apenas em descrever seu conteúdo e sua lógica interna: deve buscar, sobretudo, compreender a relação entre esse nível de análise e a lógica externa a que responde todo o processo de produção, circulação e utilização dos manuais na cultura escolar.

No Quadro 01, abaixo representado, fazemos uma síntese sobre os principais elementos a serem analisados nos manuais escolares.

<p>Análise macro</p>	<p>Os manuais são produtos destinados ao ensino de determinadas disciplinas escolares. Apesar de responderem às demandas do campo educacional ao qual se vinculam, há necessariamente uma ressignificação desse conhecimento científico em conhecimento escolar. A transposição didática desse conjunto de saberes opera no interior do manual. Além disso, os manuais são produzidos por distintos agentes que possuem interesses e motivações diversas que só fazem sentido no contraste com os aspectos históricos, políticos, culturais e sociais do período em que foram produzidos. Portanto, investigar o contexto histórico de formação das disciplinas escolares em conjunto dos elementos constitutivos do campo educacional, dá-nos pistas importantes para compreendermos a produção dos manuais escolares, bem como a lógica de estruturação do seu conteúdo.</p>
<p>Análise micro</p>	<p>Descrição do manual propriamente dito. Autor (es); formato (número de páginas, tamanho, gráficos, princípios pedagógicos, figuras, gráficos, referências etc.); abordagem metodológica privilegiada; correntes teóricas abordadas; o não dito. A recepção dos manuais escolares nas instituições de ensino, as marcas dos alunos e professores nesses objetos. Nesta parte, talvez o elemento mais relevante também seja a leitura e resenha do seu conteúdo, destacando: os principais assuntos, a linguagem privilegiada, as transposições didáticas, o tratamento didático dado aos conteúdos, às críticas e à utilização de exercícios, proposições de atividades, iconografias etc. Todos esses elementos nos indicam os diversos sentidos atribuídos a esse manual, as disputas no campo educacional e um determinado projeto de sociedade, que se vinculada diretamente ao grupo social do qual o manual advém.</p>
<p>Pluralidade de métodos</p>	<p>(a) Métodos: biografias individuais e coletivas (prosopografia) dos autores; análise de conteúdo; análise documental; (b) Fontes complementares: documentos de arquivos escolares (boletins, programas de ensino, conteúdo de provas e exames); jornais; catálogo das editoras; história das editoras; relação entre fatores internos (análise propriamente dita) e externos (lógica do interesse de determinados grupos que possuem visões de mundo distintas e interesses diversos).</p>

Quadro 01: Aspectos a serem analisados nos livros e manuais escolares.

Fonte: Os autores.

Uma análise sociológica relacional dos manuais escolares não está interessada apenas em descrever seu conteúdo e sua lógica interna: busca-se, sobretudo, compreender a relação entre esse nível de análise, e a lógica externa a que responde todo o processo de elaboração, circulação e utilização desses artefatos culturais no campo educacional. Tecer essa rede de significações, tentando entender as disputas e os jogos de poder envolvidos nesse processo é a proposição desta metodologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que breve, este artigo apresentou uma metodologia baseada na sociologia para análise dos manuais escolares, apontando elementos que possibilitam a abertura de uma nova agenda de pesquisa nessa área. Para isso, abordaram-se algumas questões referentes ao seu conceito, bem como o desenvolvimento da manualística, com destaque para os centros de investigação e catalogação na Europa e América Latina. Sobre o conceito de manual escolar, destaca-se que ainda não há um consenso sobre os elementos que caracterizam esse objeto, tendo em vista as particularidades dos níveis educativos e da própria restrição que cada contexto nacional impõe a sua definição - *textbooks*, *manuales escolares*, *libros de texto*, livro de texto, manuais escolares etc. podem ser considerados como o mesmo objeto? O que buscamos neste estudo foi apontar algumas características comuns aos diversos contextos, tais como: a) intencionalidade do autor para o uso didático; b) sequencialidade na exposição dos conteúdos; c) utilização de imagens e atividades; d) vinculação à parte didática das editoras; e) utilização no ambiente educativo.

Em relação à metodologia, destaca-se que os manuais escolares são objetos complexos e, portanto, necessitam de uma abordagem que dê conta de captar os diversos elementos presentes na sua produção, circulação e utilização. Assim, é proposta uma concepção metodológica na ideia sociológica de macro e micro que perpassa esses elementos, potencializando uma abordagem mais sofisticada desse objeto. Isso não representa um modelo fechado e completo das possíveis abordagens sobre essas fontes, mas antes um esforço de visualizar um quadro mais amplo de abordagens, assim como dialogar com a variedade de fontes, dos quais os documentos escolares são essenciais para o conhecimento da circulação e utilização desses objetos na cultura escolar.

Em certa medida, o desafio maior de pensar em termos sociológicos o manual escolar encontra-se na busca pela superação de explicações unilaterais, que compreendem o manual como fruto apenas dos condicionantes sociais ou apenas da dimensão autoral. A superação dessa dicotomia, a partir da articulação entre o micro e o macro, parece-nos, que é de fato a contribuição mais substantiva que a análise sociológica pode trazer para esta seara.

Por fim, destaca-se que as pesquisas sobre manuais escolares, embora fortemente ligada à história da educação, vêm se constituindo em outras áreas como uma fonte heurística para a investigação do universo social, cultural e educativo das sociedades modernas contemporâneas, potencializando, que os demais pesquisadores (as) possam se beneficiar dos diversos acervos e bancos de dados sobre manuais escolares. Sendo assim, o painel que este artigo faz parte reflete esse esforço de ampliação, divulgação e diálogo internacional dessas questões.

REFERÊNCIAS

- BiblioMANES*. (2018). Recuperado de: http://www.centroman.es/?page_id=451
- Bittencourt, C. (1993). *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar* (Tese de Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bourdieu, P. (2011). O campo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (5), 193-216.
- Bourdieu, P. (1996). *Razões práticas: sobre a teoria da ação* (Mariza Corrêa, trad.). Campinas, SP: Papirus.
- Bourdieu, P. (2009). *O senso prático*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bourdieu, P. (2004). *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico* (Texto revisado pelo autor com a colaboração de Patrick Champagne e Etienne Landais). São Paulo, SP: Unesp.
- Bourdieu, P., & Passeron, J-C. (2008). *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bourdieu, P., & Wacquant, L. (1992). *Réponses, pour une anthrologie réflexive*. Paris, FR: Ed. du Seuil.
- Campos, F. R. (2002). *A sociologia da educação nos cursos de formação de professores nas décadas de 1930 e 1950: um estudo da disciplina a partir dos manuais didáticos* (Tese de Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Cano, I. (2012). Nas trincheiras do método: o ensino de metodologia das ciências sociais no Brasil. *Sociologias*, (31), 94-119.
- Cassiano, C. F. (2007). *O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada de capital internacional espanhol (1985-2007)* (Tese de Doutorado em História da Educação). Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Chartier, R. (1993). *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII* (Mary Del Priore, trad.). Brasília, DF: Editora da UnB.
- Choppin, A. (2004). História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, 30(3), 549-566.
- Choppin, A. (2009). O manual escolar: uma falsa evidência histórica (Maria Helena Camara Bastos, trad.). *Revista História da Educação. Pelotas*, 13(27), 9-75.

- Cigales, M. (2019). *A sociologia católica no Brasil (1920-1940): análise sobre os manuais escolares* (Tese de Doutorado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Emmanuelle. (2016). Recuperado de: <http://www.inrp.fr/emma/web/>
- Engerhoff, A. (2017). *Mapeando a produção sobre livro didático de sociologia: um estado da arte no campo acadêmico brasileiro* (Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Escolano, A. (2009b). "El libro escolar como espacio de memoria". In G. Ossenbach & Somoza, J. (Orgs.), *Los manuales escolares como fuente para la historia de la educación en América Latina*. Madrid, ES: Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- Escolano, A. (2009a). "The manual as text: the construction of an identity". In A. Van Gorp & M. Depaepe (Orgs.), *Auf der suchenach der wahren art von text buchern* (p. 37-49). Bad Heilbrunn, GER: Klinkhardt.
- Escolano, A. (2012). El manual como texto: apresentação do Dossiê manuais escolares: múltiplas facetas de um objeto cultural. *Pro-Posições*, 23(3), 33-50.
- Forquin, J. C. (1992). Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. *Teoria e Educação*, (5), 28-49.
- Galván, L., Martínez, L., & López, O. (Coord.). (2016). *Más allá del texto: autores, redes de saber y formación de lectores*. Casa Chata, ME: Universidad Autónoma del Estado de Morelos. Centro de Investigación y Estudios Superiores em Antropología Social.
- Mahamud, K. (2014). "Contexts, texts, and representativeness: a methodological approach to school text books research". In P. Knecht, E. Matthes, S. Shutze & B. Amotsbakken (Org.), *Methodologie und methoden der schulbuch – und lehrmittelforschung*. Bad Heilbrunn, CZE: Verlag Julius Klinkhardt.
- Mahamud, K., & Badanelli, A. (2013). "El cuaderno escolar como objeto de estudio: una aproximación a los avances metodológicos en manualística". In J. Meda & A. Badanelli (Coord.), *La historia de la cultura escolar em Italia y em España: balances y perspectivas* (p. 201-228.). Macerata, IT: Edizione Università di Macerata.
- Maçaira, J. (2017). *O ensino de sociologia e ciências sociais no Brasil e na França: recontextualização pedagógica nos livros didáticos* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Magalhães, J. (2006). O manual escolar no quadro da história cultural: para uma historiografia do manual escolar em Portugal. *Revista SÍSIFO*, (1).
- Magalhães, J. (2011). *O mural do tempo: manuais escolares em Portugal*. Lisboa, PT: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

- Meucci, S. (2006). *Gilberto Freyre e a sociologia no Brasil: da sistematização à constituição do campo científico* (Tese de Doutorado em Ciências Sociais). Unicamp, Campinas.
- Meucci, S. (2000). *A institucionalização da sociologia no Brasil: os primeiros manuais e cursos* (Dissertação de Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas. Departamento de Sociologia, São Paulo.
- Munakata, K. (2012b). O livro didático: alguns temas de pesquisa. *Revista Brasileira de História da Educação*, 12(3[30]), p. 179-197.
- Munakata, K. (2012a). O livro didático como mercadoria. Dossiê manuais escolares: múltiplas facetas de um objeto cultural. *Pro-Posições*, 23(3), 51-66.
- Munakata, K. (2016). O livro escolar como indício da cultura escolar. *Revista de História da Educação*, 20(50), 119-138.
- Munakata, K. (1997). *Produzindo livros didáticos e paradidáticos* (Tese de Doutorado em História e Filosofia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Neiva, P. (2015). Revisitando o calcanhar de Aquiles metodológico das ciências sociais no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (79), 65-83.
- Oliveira, A. (2013). Revisitando a história do ensino de sociologia na Educação Básica. *Acta Scientiarum. Education*, 35(2), 179-189.
- Ossenbach, G. (2000). La investigación sobre los manuales escolares en América Latina: la contribución Del proyecto manes. *Historia de la Educación*, (19), 195-203.
- Ossenbach, G. (2010). Manuales escolares y patrimonio histórico-educativo. *Educatio Siglo XXI*, 28(2), 115- 132.
- Ossembach, G. S., & Somoza, J. (2009). *Los manuales escolares como fuente para la historia de la educación en América Latina*. Madrid, ES: Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- Rocha, H. P., & Somoza, J. (2012). Apresentação do Dossiê manuais escolares: múltiplas facetas de um objeto cultural. *Pro-Posições*, 23(3), 21-31.
- Sarandy, F. M. S. (2004). *A sociologia volta à escola: um estudo dos manuais de sociologia para o ensino médio no Brasil* (Dissertação de Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Soares, G. (2005). O calcanhar metodológico da ciência política no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 48, 27-52.

Teive, G. M. G. (2015). Caminhos teórico-metodológicos para a investigação de livros escolares: contribuição do Centro de Investigación MANES. *Revista Brasileira de Educação*, 20(63), 827-843.

Teive, G. M. G., & Ossenbach, G. (2016). Dossiê: Contextos de recepção e interpretação dos manuais escolares. *História da Educação*, 20(50), 25-28.

Teive, G. M. G., & Somoza, J. (Coord.). (2009). *Los manuales escolares como fuente para la historia de la educación en América Latina*. Madrid, ES: Universidad Nacional de Educación a Distancia.

Viñao, A. F. (2012). Historia de las disciplinas, profesionalización docente y formación de profesores: el caso español. Dossiê Manuais escolares: múltiplas facetas de um objeto cultural. *Pro.Posições*, 23(3), 103-118

MARCELO CIGALES é doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina, professor adjunto do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB). Esteve no Centro de Investigação Manuais Escolares (MANES) da Universidad Nacional de Educación a Distancia (Madrid-Espanha) em 2017, realizando parte da pesquisa de doutoramento. É editor das revistas *Café com Sociologia* e dos *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*. Suas pesquisas voltam-se para o Ensino da Sociologia, a Formação de Professores e a História dos manuais escolares de Sociologia no Brasil.

E-mail: marcelo.cigales@unb.br
<http://orcid.org/0000-0002-4320-5941>

AMURABI OLIVEIRA é doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atuando nos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política, Educação e Interdisciplinar em Ciências Humanas. Pesquisador do CNPq. Foi presidente da Associação Brasileira de Ciências Sociais (ABECS), membro do comitê de educação da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e da Comissão de Ensino da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). Atualmente é professor visitante na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), Espanha. Pesquisa temas relacionados à Antropologia e Sociologia da Educação; Ensino de Ciências Sociais; Pensamento Social Brasileiro; Religião.

E-mail: amurabi1986@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-7856-1196>

Recebido em: 30.03.2019

Aprovado em: 06.10.2019

Como citar este artigo: Cigales, M., & Oliveira, A. Aspectos metodológicos na análise de manuais escolares: uma perspectiva relacional. (2019). *Revista Brasileira de História da Educação*, 19. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e099>

Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4).